



Cunha acredita que o impacto nos índices de inflação não será expressivo

# Preços não subirão

PAULA PAVON

**SÃO PAULO** – A desvalorização do real frente ao dólar não deve gerar aumento do custo de vida. Economistas acreditam que as empresas tendem a arcar com o grosso do custo e o produto final receberá um repasse mínimo. “A economia está em recessão e não há espaço para aumento dos preços”, explicou o economista Lauro Vieira de Faria, da Fundação Getúlio Vargas, do Rio.

Com o alargamento das bandas cambiais, o custo dos produtos importados aumenta em 8% para o fabricante, o que não significa que esse será o impacto percebido pelo consumidor, afirma Reginaldo Barreto, economista do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). As empresas tendem a absorver o custo para manter a competitividade, acredita Márcia Quintsler, do Departamento de Índices do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

Para Barreto, com a nova política cambial o custo de vida deverá permanecer pouco acima do patamar do ano passado. “A desvalorização do real não é suficiente para gerar a retomada do

processo inflacionário”, disse Barreto.

O impacto da desvalorização sobre os preços deve ser pequeno, principalmente, porque o peso dos produtos importados e exportados no Produto Interno Bruto (PIB) representa apenas 14% do total, segundo o economista da Fundação Getúlio Vargas. Ele lembrou ainda que o mecanismo de correção monetária passou a ser anual, o que elimina a possibilidade de aumento imediato dos preços.

O economista e professor da PUC, Luiz Roberto Cunha, também não acredita em um forte reflexo da ampliação da banda cambial nos índices de inflação. “É preciso esperar um pouco para ver como é a repercussão no mercado externo, mas se o governo conseguir controlar a crise com essas medidas, não haverá motivo que nos leve a uma demanda por reindexação”, afirmou.

Um dos motivos para isso, segundo Cunha, é o fato de o preço do petróleo ter sofrido uma forte desvalorização nos últimos meses no mercado externo. “Com isso, não haverá efeito cascata. Se houvesse uma pressão no preço do petróleo, o reflexo na inflação seria bem maior”, explica Cunha.